

# Perfil de mulheres incontinentes e conhecimento sobre incontinência urinária

## Profile of incontinent women and knowledge about urinary incontinence

## Perfil de la mujer incontinente y conocimiento sobre la incontinencia urinaria

Alana Mirelle Coelho Leite<sup>1</sup>, Ana Carolina Rodarti Pitangui<sup>2</sup>, Danielly Alves de Souza<sup>3</sup>

**Como citar:** Leite AMC, Pitangui ACR, Souza DA. Perfil de mulheres incontinentes e conhecimento sobre incontinência urinária. *REVISA*. 2023; 12(3): 560-7. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v12.n3.p560a567>

# REVISA

1. Universidade de Pernambuco, Programa Associado de Pós-Graduação em Enfermagem. Recife, Pernambuco, Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0002-9631-1908>

2. Universidade de Pernambuco, Departamento de Fisioterapia. Petrolina, Pernambuco, Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0002-4774-298X>

2. Universidade de Pernambuco, Departamento de Fisioterapia. Petrolina, Pernambuco, Brasil.  
<https://orcid.org/0009-0008-4021-5328>

Recebido: 23/04/2023  
Aprovado: 18/06/2023

### RESUMO

**Objetivo:** Avaliar o perfil de mulheres incontinentes e o conhecimento acerca da Incontinência Urinária. **Método:** Trata-se de um estudo transversal realizado com mulheres com queixa de perda urinária em uma cidade do interior de Pernambuco, Brasil. Setenta e cinco mulheres incontinentes participaram do estudo, por meio de plataforma online foi aplicado questionário sociodemográfico e instrumento validado para investigar o conhecimento sobre a Incontinência Urinária, o Prolapse and Incontinence Knowledge Quiz (PIKQ). **Resultados:** A maioria das voluntárias era jovem, com média de idade de 43 anos, casadas, com nível educacional e socioeconômico elevados. Todas as voluntárias apresentaram de alto conhecimento sobre a incontinência urinária, com relação à incidência, fatores de risco, diagnóstico e tratamento, havendo lacunas apenas no conhecimento quanto ao uso de fármacos como preditor para o problema. **Conclusão:** Nosso estudo mostrou que a incontinência ocorre em mulheres jovens e o conhecimento foi elevado, podendo ter relação com o nível socioeconômico das voluntárias.

**Descritores:** Enfermagem; Incontinência Urinária; Conhecimento; Mulher.

### ABSTRACT

**Objective:** To evaluate the profile and knowledge of incontinent women regarding urinary incontinence. **Method:** Cross-sectional study performed with women with complaints of urinary loss from a city in the state of Pernambuco, Brazil. Seventy-five incontinent women participated in the study. A sociodemographic and a validated questionnaire regarding the knowledge about urinary incontinence (Prolapse and Incontinence Knowledge Quiz - PIKQ) were answered using an online platform. **Results:** Most participants were young, with a mean age of 43 years, married, and with high educational and socioeconomic levels. All volunteers presented high knowledge regarding the incidence, risk factors, diagnostics and treatment of urinary incontinence, with a gap concerning knowledge regarding the use of drugs as a predictor for the condition. **Conclusion:** The present study showed that urinary incontinence occurs in young women and that knowledge regarding the issue was high, possibly due to the high socioeconomic status of the participants.

**Descriptors:** Nursing; Urinary Incontinence; Knowledge; Women.

### RESUMEN

**Objetivo:** Evaluar el perfil de las mujeres incontinentes y su conocimiento sobre la Incontinencia Urinaria. **Método:** Se trata de un estudio transversal realizado con mujeres que se quejaban de pérdidas urinarias en una ciudad del interior de Pernambuco, Brasil. Setenta y cinco mujeres incontinentes participaron del estudio, a través de una plataforma en línea se aplicó un cuestionario sociodemográfico y un instrumento validado para indagar el conocimiento sobre la incontinencia urinaria, el Prolapse and Incontinence Knowledge Quiz (PIKQ). **Resultados:** La mayoría de los voluntarios eran jóvenes, con una edad media de 43 años, casados, con nivel educativo y socioeconómico alto. Todos los voluntarios tenían un alto nivel de conocimiento sobre la incontinencia urinaria, en cuanto a incidencia, factores de riesgo, diagnóstico y tratamiento, con lagunas sólo en el conocimiento sobre el uso de medicamentos como preditor del problema. **Conclusión:** Nuestro estudio mostró que la incontinencia ocurre en mujeres jóvenes y el conocimiento fue alto, lo que puede estar relacionado con el nivel socioeconómico de las voluntarias.

**Descriptor:** Enfermería; Incontinencia Urinaria; Conocimiento; Mujeres.

ORIGINAL

## Introdução

A Incontinência Urinária (IU) é a queixa de perda urinária de forma involuntária e que pode ocorrer em função de danos na musculatura que sustenta os órgãos pélvicos, interferindo no controle da continência urinária. <sup>1</sup> É considerada um problema de saúde pública que afeta homens e mulheres em todo o mundo, sendo a Incontinência Urinária de Esforço (IUE) mais prevalente entre os tipos de IU. <sup>2-4</sup>

Mulheres de todas as idades são mais acometidas, com piora em idosas, principalmente naquelas acima de 75 anos. <sup>5-6</sup> Atualmente, a IU é considerada uma Síndrome Geriátrica, pela alta incidência em idosas, entretanto, é importante ressaltar que, esta não faz parte do processo natural do envelhecimento. <sup>7</sup>

Um estudo evidenciou que a presença de IU contribuiu para redução de interação social e da autonomia das atividades cotidianas, interferindo negativamente nas relações pessoais, especialmente em pessoas idosas. <sup>8</sup> Ademais, a presença de IU também teve relação com a auto percepção negativa da saúde, sintomas depressivos e problemas de ordem mental em pessoas idosas. <sup>9</sup>

As mulheres além de desconhecer a incontinência como doença que precisa ser tratada, também tem déficit de conhecimento relacionados aos fatores de risco de formas de tratamento. <sup>10-12</sup> Para melhor compreensão desse problema, é fundamental investigar o conhecimento das mulheres sobre a IU para mapear as necessidades e intervenções a serem realizadas. <sup>13</sup>

Considerando a magnitude do problema que é a IU e a falta de conhecimento sobre a temática sinalizada na literatura, buscou-se investigar o conhecimento de mulheres que apresentam queixa de perda urinária sobre a IU.

## Método

Trata-se de um estudo de campo descritivo de caráter transversal com abordagem quantitativa, decorrente de um estudo maior, realizado na cidade de Petrolina, PE. <sup>14</sup>

Previamente ao início da coleta de dados, todas as mulheres interessadas foram esclarecidas sobre as etapas, bem como os riscos e benefícios do estudo, e, posteriormente, para aquelas que concordaram em participar da pesquisa foi disponibilizado o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) elaborado com base na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.

Foram incluídas no estudo mulheres com queixa de perda urinária, acima de 18 anos, que não referiram ou apresentaram qualquer transtorno psiquiátrico, déficit cognitivo, doenças neurológicas ou incapacitantes, que não estavam gestantes ou com último parto a menos de um ano, que sabiam ler, escrever e compreender a língua portuguesa, que tinham WhatsApp e acesso à internet.

Participaram do estudo setenta e cinco mulheres e a coleta dos dados ocorreu de forma remota, por meio da plataforma Zoom, no período de novembro de 2021 a abril de 2022. As mulheres responderam um questionário sociodemográfico, elaborado para o presente estudo, e um questionário de conhecimento sobre a IU.

O conhecimento foi investigado por meio de um instrumento turco, traduzido e validado para o português por Silva et al <sup>15</sup>, no qual encontra-se em

fase de publicação. Este instrumento, o *Prolapse and Incontinence Knowledge Quiz* (PIKQ) versão brasileira, identifica o conhecimento das mulheres sobre IU por meio de 12 questões abordando: conceito, diagnóstico, tipos de tratamento e fatores de risco.

Os dados foram categorizados no programa SPSS versão 20,0. Estatísticas descritivas baseadas na tendência central (média), dispersão (desvio-padrão) e distribuição de frequências (absoluta ou relativa) foram utilizadas para caracterização das participantes.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco (UPE), sob o parecer nº 3.244.043, CAAE: 03682718.4.0000.5207.

## Resultados

Foi realizada a organização e análise dos dados, e serão mostradas inicialmente as informações socioeconômicas das participantes do estudo. Das 75 mulheres estudadas, a cor parda foi prevalente, com 45,3% (n=34), aquelas casadas ou em união estável, representaram 68% da amostra (n= 51) e com média de idade 42,93 anos (Tabela 1).

Com relação à renda, houve predominância de rendas acima de cinco salários mínimos, representando 26,7% (n=20) da amostra, já no que concerne à escolaridade, 56% possuíam nível superior completo ou pós-graduação (n=42) (Tabela 1).

**Tabela 1** – Perfil das participantes. Dados expressos em média, desvio padrão, frequência absoluta e relativa. Pernambuco, 2023.

Variável	N(%)
<b>Idade (média, ±)</b>	42,93 (10,33)
<b>Etnia</b>	
Preta	14 (18,7)
Branca	21 (28,0)
Amarela	6 (8,0)
Parda	34 (45,3)
<b>Estado civil</b>	
Casada/União estável	51 (68,0)
Solteira	14 (18,7)
Viúva	3 (4,0)
Divorciada/Separada	7 (9,3)
<b>Renda</b>	
< 1 SM	13 (17,3)
1 a 2 SM	16 (21,3)
2 a 3 SM	15 (20,0)
3 a 4 SM	8 (10,7)
4 a 5 SM	3 (4,0)
> 5 SM	20 (26,7)
<b>Escolaridade</b>	
Fundamental incompleto	2 (2,7)
Fundamental completo	4 (5,3)
Médio Completo	27 (36,0)
Superior completo	15 (20,0)
Pós-graduação	27 (36,0)

Ao avaliar as frequências de respostas do questionário de conhecimento *Prolapse and Incontinence Knowledge Quis*, o PIQK, observou-se conhecimento elevado acerca da IU. A maioria das voluntárias acredita que a IU é mais comum em pessoas idosas e que mulheres são mais propensas que homens a perder urina. Perguntas que envolviam os fatores de risco para IU apontam que as mulheres concordam que a causa do problema é multifatorial e que a paridade é um importante fator de risco, mas há lacunas de conhecimento quanto à relação do uso de fármacos e a presença de IU (Tabela 2).

No que concerne ao diagnóstico, as mulheres quase que em totalidade consideram importante diagnosticar o tipo de IU antes de começar o tratamento e que existem testes específicos para identificar a presença de IU (Tabela 2).

Questões que investigaram o conhecimento sobre as possibilidades de tratamento sinalizam que a maioria compreende que o gerenciamento dos sintomas urinários não se restringe ao uso de fraldas e absorventes, assim como a cirurgia não é a única forma de tratamento. Ademais, a maioria das mulheres investigadas consideram que exercícios podem ser realizados para melhorar a IU (Tabela 2). Por fim, ao serem questionadas sobre a possibilidade de controle urinário após diagnóstico de IU, as mulheres consideram que podem ter a condição melhorada após o tratamento adequado, sendo capazes de ter controle vesical novamente (Tabela 2).

**Tabela 2.** Distribuição das frequências de respostas do Questionário de Conhecimento - PIQK. Pernambuco, 2023.

Variável	
<b>Q1 - A incontinência urinária (perda de urina ou bexiga com vazamento) é mais comum em mulheres jovens do que em mulheres idosas.</b>	n (%)
Concordo	6 (8,0)
Discordo	59 (78,7)
Não sei	10 (28,0)
<b>Q2 - As mulheres são mais propensas que os homens a perder urina.</b>	
Concordo	59 (78,7)
Discordo	3(4,0)
Não sei	13 (17,3)
<b>Q3 - Além de absorventes e fraldas, pouco pode ser feito para tratar a perda de urina.</b>	
Concordo	10 (13,3)
Discordo	60 (80,0)
Não sei	5 (6,7)
<b>Q4 - Não é importante diagnosticar o tipo de vazamento de urina antes de tentar tratá-lo.</b>	
Concordo	2 (2,7)
Discordo	72 (96,0)
Não sei	1 (1,3)
<b>Q5 - Muitas coisas podem causar vazamento de urina.</b>	
Concordo	59 (78,7)
Discordo	1 (1,3)
Não sei	15 (20,0)

<b>Q6 - Certos exercícios podem ser feitos para ajudar a controlar o vazamento de urina.</b>	
Concordo	69 (92,0)
Discordo	2 (2,7)
Não sei	4 (5,3)
<b>Q7 - Alguns medicamentos podem causar vazamento urinário.</b>	
Concordo	24 (32,0)
Discordo	2 (2,7)
Não sei	49 (65,3)
<b>Q8 - Uma vez que as pessoas começam a vazar urina, nunca mais são capazes de controlar a urina novamente.</b>	
Concordo	4 (5,3)
Discordo	67 (89,3)
Não sei	4 (5,3)
<b>Q9 - Os médicos podem fazer tipos especiais de teste da bexiga para diagnosticar o vazamento de urina.</b>	
Concordo	58 (77,3)
Discordo	1(1,3)
Não sei	16 (21,3)
<b>Q10 - Cirurgia é o único tratamento para perda urinária.</b>	
Concordo	4 (5,3)
Discordo	61(81,3)
Não sei	10 (13,3)
<b>Q11 - Muitos partos podem levar ao vazamento de urina.</b>	
Concordo	49 (65,3)
Discordo	6 (8,0)
Não sei	20 (26,7)
<b>Q12 - A maioria das pessoas que vazam urina pode ser curada ou melhorada com algum tipo de tratamento.</b>	
Concordo	73 (97,3)
Discordo	-
Não sei	2 (2,7)

## Discussão

Esta pesquisa teve como objetivo avaliar o perfil e o conhecimento de mulheres incontinentes sobre a Incontinência Urinária (IU) e revelou conhecimento elevado sobre a temática na amostra estudada.

No presente estudo observou-se prevalência de mulheres adultas jovens, com média de 43 anos, sinalizando que a IU não é uma condição apenas atrelada à idade e reforçando a necessidade do debate. A literatura sinaliza que os sintomas de perda urinária pioram com o envelhecimento, com pico aos 50 anos, mas já se considera preocupante o relato de perda urinária precocemente.<sup>5-6</sup>

No cenário internacional a prevalência da IU também é maior entre as mulheres, com piora com avanço da idade, corroborando com a realidade brasileira. Apesar da prevalência em mulheres idosas, o surgimento precoce de sintomas urinários já é uma realidade, sinalizando uma problemática que precisa ser discutida.<sup>5,16</sup>

Na amostra estudada, a maioria era casada ou estava em união estável e eram pardas, apresentaram renda mensal elevada, com valores acima de cinco salários mínimos. Ademais a maioria das participantes possuía nível de escolaridade elevado, fato que pode justificar o conhecimento elevado sobre IU nas respostas do PIKQ.

Uma revisão sistemática identificou que o conhecimento das mulheres acerca das disfunções dos músculos do assoalho pélvico (MAP) e IU é muito limitado, especialmente no que concerne à IU. Nesse estudo o conhecimento esteve atrelado ao maior nível socioeconômico, fato já sinalizado por outros autores.<sup>10</sup>

Já outro estudo que também investigou conhecimento sobre a IU com estudantes de ensino médio, avaliou 242 meninas de idade média de 15,5 anos e encontrou que 72% não conheciam os MAP e 16% perdiam urina de forma involuntária. Tal dado evidencia que existe a necessidade de investigar o conhecimento das mulheres acerca da IU em diversos cenários, pela oportunidade de dialogar sobre o assunto e formular estratégias para enfrentamento do problema.<sup>17</sup>

As mulheres compreendem a IU como problema que necessita de diagnóstico e que tem tratamento, mas, apesar disso, é insipiente o número de mulheres incontinentes que procura ajuda, negligenciando o problema. Tal fato ocorre pela tendência a normalização da IU e da falta de acesso às possibilidades terapêuticas.<sup>18-19</sup>

É sabido pelas mulheres que realizar exercícios fortalece os músculos que contribuem para a continência urinária. Tais exercícios são fortemente recomendados pela Sociedade Internacional de Continência (ICS) e oferecem melhora dos sintomas presentes em todos os tipos de incontinência, reduzindo episódios e quantidade de perda urinária, melhorando os sintomas relatados e refletindo positivamente na qualidade de vida.<sup>5</sup>

Orientações sobre prevenção, fatores de risco e tratamento para IU são importantes e podem ser oferecidas de diversas formas, uma vez que já existem protocolos recomendados, folders e cartilhas validadas que, facilmente podem ser utilizadas pelos profissionais de saúde, sobretudo onde há déficit na oferta do tratamento adequado para IU.<sup>20-21</sup>

Nesse contexto, ressalta-se que sua ampla área de atuação vem ganhando espaço no tratamento das disfunções miccionais, sendo respaldada pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) em seu Parecer 04/2016<sup>22</sup>, mas reconhece a relevância do trabalho multiprofissional, destacando a importância de outros profissionais que também atuam na área.

Pontua-se como limitações desse estudo a realização da investigação do conhecimento de forma única, não estabelecendo relação de causa e efeito. Ademais, não foi investigada a relação de conhecimento acerca da IU e a realização de tratamento.

## Conclusão

Nosso estudo mostrou que a IU acontece em mulheres jovens e evidenciou também que o conhecimento sobre a IU é elevado, sugerindo que pode estar atrelado ao nível socioeconômico das voluntárias.

## Agradecimentos

Essa pesquisa não recebeu financiamento para sua realização.

## Referências

1. Yang X, Zhu L, Li W, Sun X, Huang Q, Tong B, et al. Comparisons of Electromyography and Digital Palpation Measurement of Pelvic Floor Muscle Strength in Postpartum Women with Stress Urinary Incontinence and Asymptomatic Parturients: A Cross-Sectional Study. *Gynecol Obstet Invest*, 2019; 1-7. doi: 10.1159/000501825
2. Haylen BT, Ridder D, Freeman RM, Swift SE, Berghmans B, Lee J, et al. An International Urogynecological Association (IUGA)/International Continence Society (ICS) joint report on the terminology for female pelvic floor dysfunction. *International Urogynecology Journal*. 2010; 21(1):5-26. doi: 0.1007/s00192-009-0976-9
3. Abrasm P, Andersoon K-E, Apostolidis A, Birder L, Bliss D, Brubaker L, et al. Incontinence. 6th edition. ICI-ICS. Bristol: International Continence Society; 2017.
4. Mota RL. Female urinary incontinence and sexuality. *International Braz J Urol*, 2017;43(1):20-8. doi: 10.1590/S1677-5538.IBJU.2016.0102
5. Cacciari L, Dumoulin C, Hay-smith EJ. Pelvic floor muscle training versus no treatment, or inactive control treatments, for urinary incontinence in women: a cochrane systematic review abridged republication. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, 2019;23(2):93-107. doi: 10.1016/j.bjpt.2019.01.002
6. Marinho MFD, Brilhante MMS, Magalhães AG, Correia GN. Avaliação da função dos músculos do assoalho pélvico e incontinência urinária em universitárias: um estudo transversal. *Fisioter Pesqui*. 2021; 28(3):352-7. doi: 10.1590/1809-2950/21009828032021
7. Tish MM, Geerling JC. The Brain and the Bladder: Forebrain Control of Urinary (In)Continence. *Frontiers in Physiology*. 2020; 11:1-8. doi: 10.3389/fphys.2020.00658
8. Silva EPM, Borim FSA, Bianchi M, Yassuda MS, Neri AL, Batistoni SST. Incontinência urinária, senso de controle e autonomia, e participação social em idosos residentes na comunidade. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol*, 2022; 25(5):e210207. doi: 10.1590/1981-22562022025.210207
9. Kessler M, Volz PM, Bender JD, Nuner BP, Machado KP, Saes MO, et al. Effect of urinary incontinence on negative self-perception of health and depression in elderly adults: a population-based cohort. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2022; 27(6): 2259-67. doi: 0.1590/1413-81232022276.10462021
10. Fante JF, Silva TD, Matheus-Vasconcelos ECL, Ferreira CHJ, Brito LGO. Do Women have Adequate Knowledge about Pelvic Floor Dysfunctions? A Systematic Review. *Rev Bras Ginecol Obstet*, 2019; 41(8):508-19. doi:10.1055/s-0039-1695002.
11. Uechi N, Fernandes ACNL, Bo K, Freitas LM, Ossa AMP, Bueno SM, et al. Dowomen have an accurate perception of their pelvic floor urinary incontinence: A systematic review of online stores in Brazil. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, 2021;25:387- 95. doi: 10.1002/nau.24214
12. Andrade RL, Bo K, Antonio FI, Driusso P, Matheus-Vasconcelos EC, Ramos S, et al. An education program about pelvic floor muscles improved women's knowledge but not pelvic floor muscle function, urinary incontinence or sexual function: a randomised trial. *Journal of Physiotherapy*. 2018;64(2):91-96. doi:10.1016/j.jphys.2018.02.010

13. Koenig I, Luginbuehl H, Radlinger L. Reliability of pelvic floor muscle electromyography tested on healthy women and women with pelvic floor muscle dysfunction. *Annals of Physical and Rehabilitation Medicine*, 2017.
14. Filho PFO. *Epidemiologia e bioestatística: fundamentos para a leitura crítica*. -1 ed.- Rio de Janeiro: Rubio, 2015
15. Silva CC, Pitangui ACR. *TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL E VALIDAÇÃO PARA LÍNGUA PORTUGUESA DO PROLAPSE AND INCONTINENCE KNOWLEDGE QUIZ (PIKQ)*. Dissertação de Mestrado, 2022.
16. Almousa S, Bandin Van Loon A. The prevalence of urinary incontinence in nulliparous adolescent and middle-aged women and the associated risk factors: A systematic review. *Maturitas*, 2018; 107: 78–83. doi: 10.1016/j.maturitas.2017.10.003
17. Prudencio CB, Nava GTA, Souza BR, Carr AM, Avramidis RE, Barbosa AMP. Knowledge of pelvic floor disorders in young women: a cross-sectional study. *Fisioter. Mov*, 2022;35, Spec Iss, e35607. doi: 10.1590/fm.2022.35607
18. Alves CA, Ferreira DCC, Lima MF, Coimbra KA, Vaz CT. Prevalência de incontinência urinária, impacto na qualidade de vida e fatores associados em usuárias de Unidades de Atenção Primária à Saúde. *Fisioter. Mov*, 2022; 35: e35604.0. doi: 10.1590/fm.2022.35604.0
19. Costa AALF, Vasconcellos IM, Pacheco RL, Bella ZIKJ, Riera R. What do cochrane systematic reviews say about non-surgical interventions for urinary incontinence in women? *Sao Paulo Medical Journal*. 2018;136(1):73–83. doi: 10.1590/1516-3180.2017.039420122017
20. Pontes IB, Domingues, EAR, Kaizer UA. Construção e validação de cartilha educativa sobre exercícios pélvicos fundamentais para mulheres com incontinência urinária. *Fisioter Pesqui*, 2021; 28(2): 230-4. doi: 10.1590/1809-2950/21007328022021
21. Assis GM, Silva CPC, Martins G. Proposal of a protocol for pelvic floor muscle evaluation and training to provide care to women with urinary incontinence. *Rev Esc Enferm USP*, 2021; 55: e03705. doi: 10.1590/S1980-220X2019033503705
22. Conselho Federal De Enfermagem (COFEN). Parecer da Câmara técnica nº 04/2016/CTAS. Manifestação sobre procedimentos da área de Enfermagem.

**Autor de Correspondência**

Alana Mirelle Coelho Leite  
Rua Arnóbio Marques, 310. CEP 50100-130-  
Santo Amaro. Recife, Pernambuco, Brasil.  
[alanamcleite@gmail.com](mailto:alanamcleite@gmail.com)